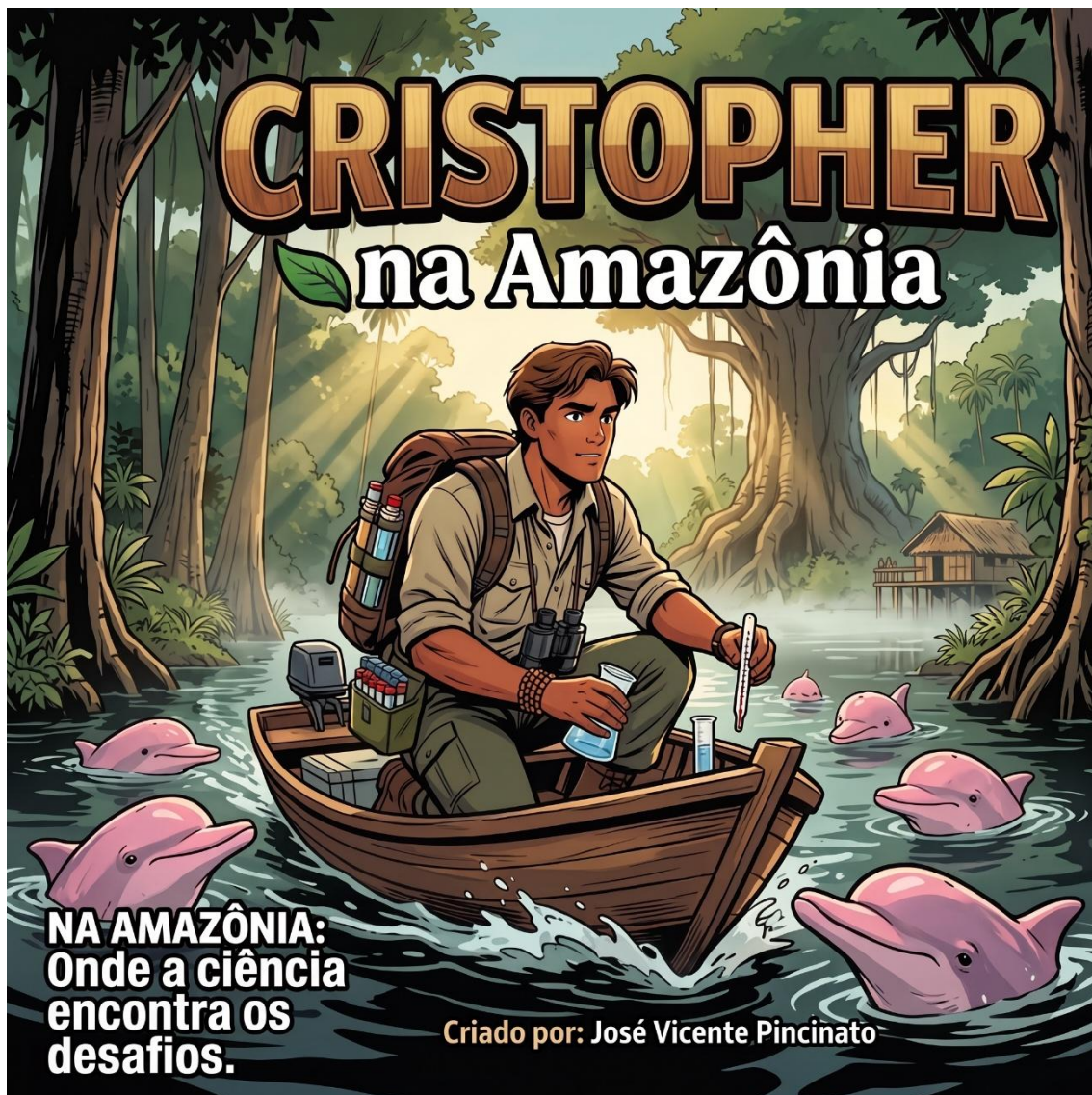




O Rio Negro e a Fortuna do Tempo

"A posteridade é o que fica para depois que a gente vai, depois que o nosso futuro acaba. É uma imensa fortuna de conhecimentos, de bons momentos..." — José Vicente Pincinato

Capítulo 1: O Naufrágio e a Provação

Ato I: O Porto, os Carimbos e o Papagaio Carente

O sol de setembro sobre o porto de Manaus não era apenas quente; era uma presença física, uma manta úmida e sufocante que fazia a pele brilhar de suor antes mesmo das nove da manhã. Na beira do cais de madeira flutuante, onde as águas escuras do Rio Negro lambiam as toras de sustentação com um murmúrio sonolento, o barquinho de madeira, carinhosamente apelidado de Curupira, balançava suavemente.

Cristopher, um jovem biólogo de trinta anos com ombros largos e traços que denunciavam sua herança mista de pesquisador americano e mãe indígena, estava curvado sobre o cais. Ele acomodava, com precisão quase cirúrgica, caixas térmicas de isopor azul e tubos de ensaio de vidro em suportes de madeira que ele mesmo esculpira. Cada tubo continha amostras coletadas na véspera; cada caixa térmica guardava um tesouro ainda mais precioso: ampolas de antibióticos de amplo espectro e vacinas essenciais obtidas através de uma ONG parceira da Universidade Federal do Amazonas (UFAM).

— Cris! Cris! Cafuné! Cafuné! guinchou uma voz estridente e fanhosa bem ao lado de seu ouvido.

Cristopher sorriu, virando o rosto para encontrar o olhar de Carente, um papagaio-verdadeiro de penas verde-oliva brilhantes e uma faixa amarela na testa que vivia empoleirado em seu ombro esquerdo. A ave esticou o pescoço, eriçando as penugens da nuca, implorando por carinho.

— Agora não, Carente. Se eu não prender bem essas ampolas, elas vão virar purpurina de vidro na primeira corredeira, resmungou Christopher, mas não resistiu e deu um rápido peteleco afetuoso sob o bico da ave, que soltou um estalido de pura satisfação.

Carente era o mascote não oficial do Curupira. Resgatado de um cativeiro ilegal quando ainda era um filhote implume, o papagaio desenvolvera uma dependência quase cômica do biólogo. Não suportava ficar a mais de dois metros de distância de Christopher e tinha o hábito de imitar perfeitamente os sons mais inconvenientes nos momentos mais inapropriados.

De repente, a passarela de madeira do cais rangeu sob passos pesados e decididos. Dois homens trajando ternos de lã cinza-escuro, camisas brancas engomadas de gola alta e gravatas perfeitamente ajustadas caminhavam em direção ao barco. Eles pareciam duas miragens urbanas deslocadas no calor de 38 graus da Amazônia. Cada um carregava uma prancheta de alumínio sob o braço e uma pasta de couro na mão.

— Com licença, distinto cidadão! Sou o Dr. Valdir, Auditor Federal de Controle Interno lotado na Secretaria Extraordinária de Conformidade de Brasília, em missão de fiscalização ministerial. E este é o Dr. Jurandir, analista de processos e atos regulatórios.

— Exatamente, nobre Valdir! Estamos em diligência externa extraordinária para apurar in loco a execução material das dotações orçamentárias desta embarcação, que no nosso sistema consta apenas como 'unidade móvel de despesa não auditada'!

Cristopher ergueu o corpo, limpando o suor da testa com as costas da mão.

— Bom dia, senhores. Se estão procurando o capitão do porto, o escritório fica a dois quarteirões subindo a rampa. Nós estamos de partida para uma missão de emergência no Igarapé do Boto.

— Alto lá! exclamou Valdir, apontando o dedo indicador para cima com um ar teatral digno dos detetives de Hollywood.

— Emergência? O Manual de Prestação de Contas da União não contempla o verbete 'emergência' sem nota de empenho prévia e protocolo no Sistema Eletrônico de Informações!

— Corroboro com veemência! Onde consta o código de tombamento patrimonial desse isopor? Sem a conciliação bancária dos insumos farmacêuticos, esta canoa incorre em desvio de finalidade do convênio de fomento!

Ainda no porto, Carente, o papagaio, inclinou a cabeça para o lado, observando os óculos de Valdir.

— Burocratas! Burocratas! grasnou a ave, imitando com impressionante fidelidade a voz rouca de um antigo professor de Cristopher da UFAM.

Valdir deu um salto para trás, assustado.

— Quem proferiu tal impropério? Isso é flagrante desacato à autoridade constituída no exercício indeclinável de suas funções!

— Foi o vento, colega Valdir, disfarçou Christopher, segurando o riso enquanto Marina surgia no topo do cais, caminhando a passos rápidos e firmes.

Marina trazia a força prática e o pragmatismo de quem crescera nas beiras do Rio Negro. Seus cabelos negros estavam presos em um coque firme, e ela carregava uma mochila de lona pesada nos ombros. Formada em enfermagem e obstinada em levar a saúde para as comunidades isoladas, ela não tinha tempo para solenidades inúteis.

— O motor de popa já está aquecido, Christopher? perguntou ela, ignorando solenemente os dois fiscais de terno.

— O rádio do posto de saúde comunitário tocou há vinte minutos. O menino do Seu Antenor está com quarenta graus de febre. Temos que subir o rio agora.

— Parada aí, senhora! interveio Jurandir, estendendo seu talão como se fosse um escudo medieval.

— Não dê mais um passo! Esta capitania improvisada está sob medida cautelar de retenção administrativa até que seja comprovada a certidão negativa de débitos sobre insumos não correlatos!

Marina parou. Olhou para Valdir, depois para Jurandir, detendo-se nos colarinhos brancos que já estavam ensopados de suor amarelo nas bordas.

— Escutem aqui, meus senhores, disse Marina, sua voz caindo em um tom calmo, porém cortante como folha de capim-limão.

— A maré do Rio Negro está baixando. Se nós não passarmos pelo canal da Garganta do Jacaré nas próximas duas horas, o rio vai secar naquele trecho e nós ficaremos presos. Enquanto isso, uma criança de oito anos pode morrer de infecção bacteriana no Igarapé do Boto porque os senhores querem um carimbo azul em um papel de Manaus. Se querem

fiscalizar, entrem logo na cabine. Mas se preparem, porque lá dentro não tem ar-condicionado e o motor faz um barulho que vai acabar com o juízo de vocês.

Valdir e Jurandir entreolharam-se, ofendidos, mas determinados a não demonstrar fraqueza.

— Nós subiremos a bordo! declarou Valdir. — Para garantir a aplicação rigorosa da lei!

— Exatamente! disse Jurandir.

— E para lavar o auto de infração em flagrante delito fluvial!

Marina deu um suspiro teatral, subiu no barco com agilidade e puxou a corda do motor de popa com uma força impressionante. O motor pop-pop cuspiu fumaça azulada, tremeu todo o casco de madeira e começou a cantar seu ritmo rítmico. Carente bateu as asas, animado, e gritou:

— Partiu, doutor! Partiu!

Valdir e Jurandir caíram sentados nos bancos de madeira da popa, segurando-se nas bordas com as unhas cravadas na pintura gasta, enquanto o Curupira desatracava e apontava a proa para as águas infinitas e misteriosas do Rio Negro.

Ato II: O Incidente Fluvial e o Teste de Caráter

O Rio Negro era uma força majestosa e silenciosa. Suas águas, escuras como piche sob a sombra das copas das árvores, mas brilhantes como bronze onde o sol batia direto, deslizavam sem pressa aparente. Nas margens, as árvores do igapó emergiam diretamente da inundação, com suas raízes expostas criando labirintos fantásticos de madeira retorcida.

A bordo do Curupira, a viagem era uma provação de sentidos. O calor úmido envolvia o barco como uma estufa. Dr. Valdir e Dr. Jurandir já haviam abandonado a postura imponente. Os paletós cinza-escuro estavam jogados de qualquer jeito sobre uma pilha de sacos de estopa; as camisas brancas estavam abertas até o meio do peito, revelando peles pálidas e avermelhadas pelas primeiras picadas de borrachudos. Eles usavam suas pranchetas de alumínio para abanar o rosto freneticamente, mas o ar que moviam era tão quente quanto o vapor de uma chaleira.

— Isso é um ultraje às diretrizes do Ministério! Onde já se viu conduzir uma missão oficial sem ar condicionado central e sem conectividade de rede? Jurandir, tome nota para requerer adicional de periculosidade e insalubridade de gabinete!

— Anotado, colega Valdir respondeu Jurandir, com a voz fraca, enquanto tentava inutilmente espantar uma nuvem de mosquitos que parecia ter particular simpatia por suas bochechas flácidas.

— Digo mais: Os manuais do Ministerio jamais previram que a Amazônia possuísse tamanha densidade térmica e vetores biológicos sem qualquer respeito ao quadro de servidores da União!

Cristopher, firme no leme de madeira na popa, mantinha os olhos fixos na superfície da água. A navegação no Rio Negro exigia um senso de interpretação que nenhuma inteligência artificial ou mapa digital poderia replicar. A água escura ocultava tudo. Um piloto precisava ler as pequenas rugas na correnteza, as mudanças sutis na cor da espuma e o comportamento das aves para saber onde o canal era seguro e onde a morte espreitava em forma de pedras ou galhos secos.

De repente, Carente, que estava quietamente cochilando no topo da cabine de madeira, ergueu-se de um salto. Suas penas da nuca eriçaram-se e ele começou a gritar de forma estridente, batendo as asas com violência:

— Água! Tronco! Pula! Pula! Cris!

Cristopher olhou para a frente instantaneamente. O repique, o fenômeno da subida súbita das águas devido às chuvas na cabeceira do rio, havia trazido uma enorme galhada flutuante de castanheira que descera rio abaixo e ficara presa em uma rocha submersa bem no meio da Garganta do Jacaré.

— Marina! Segura! berrou Christopher, forçando o leme para estibordo na tentativa desesperada de desviar.

Mas o Curupira, pesado com as caixas térmicas, os equipamentos de pesquisa e o peso extra dos dois fiscais trapalhões, não respondeu rápido o suficiente.

O choque foi devastador.

Um estrondo metálico e de madeira estilhaçada ecoou pela margem do rio. O barco bateu de lado contra o tronco gigante de castanheira, subindo parcialmente sobre a madeira molhada antes de adernar com violência para a esquerda.

— Meus talões! Minhas guias! Meus carimbos! gritou Jurandir, sendo arremessado contra o convés.

A onda de água escura invadiu o convés como uma mão gigante. O barco perdeu o equilíbrio de vez e virou de cabeça para baixo, jogando todos nas águas profundas e escuras do Rio Negro.

Cristopher foi tragado pela escuridão líquida. O silêncio subaquático envolveu-o enquanto ele lutava contra a correnteza que tentava arrastá-lo para baixo do tronco preso. Com a calma de quem passara a infância nadando naquelas águas, ele chutou para cima, rompendo a superfície e puxando uma lufada de ar quente.

— Marina! gritou ele, limpando a água dos olhos.

— Aqui! respondeu ela, surgindo a dez metros de distância, nadando com braçadas firmes e segurando-se à quilha do Curupira, que flutuava de cabeça para baixo.

Mais adiante, Dr. Valdir e Dr. Jurandir batiam os braços na água com desespero hidrofóbico, engolindo água escura e gritando por socorro em tons agudos, embora estivessem a poucos metros de uma praia de areia branca onde a profundidade não passava de um metro.

— Socorro! O jacaré! A piranha! O patrimônio do Estado está se afogando! gritava Valdir.

Mas Christopher não olhava para os fiscais. Seus olhos procuravam as caixas térmicas azuis de isopor. Elas haviam sido arremessadas na água. Duas delas, que continham os analgésicos comuns e os equipamentos de medição botânica, já haviam sido capturadas pelo redemoinho central e estavam descendo o rio principal em alta velocidade, impossíveis de serem alcançadas.

No entanto, a terceira caixa térmica, a mais importante, que guardava os frascos de antibióticos e soros vitais, estava presa em um emaranhado de cipós flutuantes bem no meio da correnteza forte que passava ao lado do tronco de castanheira.

— Marina, a caixa dos antibióticos está presa no cipó! Se ela se soltar e descer o canal principal, nós a perderemos para sempre! gritou Christopher.

— Deixa comigo! respondeu ela.

Com o espírito resolutivo de quem não aceitava derrotas, Marina soltou-se do barco e nadou em direção à correnteza. Christopher, usando sua agilidade física, escalou o tronco de castanheira submerso, usando os galhos secos como pontos de apoio. Ele esticou-se sobre a água, prendendo os pés em uma raiz e estendendo a corda do motor que ele conseguira cortar com sua faca de campo.

— Marina! Pegue a corda!

Marina alcançou a caixa térmica exatamente no momento em que os cipós se rompiam sob a pressão da água. Ela agarrou a alça de plástico com uma das mãos e, com a outra, lançou a corda que Christopher estendera.

Com um esforço conjunto que fez os músculos das costas de Christopher arderem, ele puxou a enfermeira e o precioso carregamento de remédios para cima do tronco gigante, salvando-os da força do rio.

Minutos depois, o grupo reuniu-se na praia de areia branca de um banco de areia isolado. O Curupira estava avariado, preso na galhada do meio do rio; Dr. Valdir e Dr. Jurandir estavam sentados na areia úmida, tossindo, sem óculos, sem pranchetas e sem a dignidade que ostentavam no porto.

Cristopher abriu a caixa térmica azul com as mãos trêmulas. O gelo químico havia resistido, e as ampolas de antibióticos estavam perfeitamente intactas em seus casulos protetores de algodão. Ele soltou um suspiro de alívio puro e olhou para Marina.

— Perdemos o barco, o motor de popa, as provisões de comida e todo o meu equipamento de microscopia, disse ele, a voz cansada.

— Mas salvamos o essencial. Os antibióticos estão salvos.

— Ótimo, disse Marina, levantando-se e torcendo a barra de sua blusa azul de enfermagem.

— Porque os remédios não vão andar sozinhos até a vila.

Dr. Valdir ergueu a cabeça, trêmulo e indignado.

— Isso é um absurdo! Nós quase morremos! Eu exijo que declaremos esta missão cancelada por força maior ecológica! Exijo o retorno imediato a Manaus de helicóptero ou de qualquer meio de transporte que tenha ar-condicionado!

— Dr. Valdir, disse Marina, apontando para a floresta densa que se erguia atrás deles.

— Não tem sinal de celular aqui. Não tem helicóptero. O único jeito de sairmos daqui é caminhando duas milhas pela trilha de caçadores que cruza o igapó até a comunidade do

Igarapé do Boto. Se ficarmos aqui sentados esperando socorro, nós vamos virar jantar de mosquito e a febre vai acabar com as crianças da vila. Então, guarde o que sobrou de sua dignidade na pasta molhada e comece a andar.

Ato III: A Chegada à "Vila"

A caminhada pela floresta foi um teste de resistência que transformou o orgulho dos fiscais em lama física e mental. Sem os sapatos de couro, que haviam ficado presos na lama do rio, Dr. Valdir e Dr. Jurandir caminhavam usando meias rasgadas e improvisando sandálias feitas de casca de embira que Christopher pacientemente amarrara em seus pés. Eles pareciam duas almas penadas do asfalto urbano vagando pelo purgatório verde.

Carente, o papagaio, ia voando de galho em galho acima deles, divertindo-se com o sofrimento dos burocratas. Sempre que Valdir tropeçava em uma raiz de açazeiro, a ave soltava uma risada estridente que parecia uma gargalhada humana:

— Ih, caiu! Caiu! Multa ele! Multa ele!

— Esse animal é um agente provocador! Um infrator da fauna nativa! resmungava Jurandir, tentando sem sucesso usar uma folha de bananeira para se proteger do sol que começava a filtrar pela copa das árvores.

Após duas horas de marcha sob a umidade sufocante que fazia a floresta parecer um forno a vapor, a vegetação finalmente abriu-se. Diante deles surgiu a comunidade do Igarapé do Boto.

Era uma típica "vila Amazônica" do Rio Negro: um conjunto de trinta palafitas de madeira com telhados de palha de caraná, erguidas sobre esteios altos para resistir às cheias sazonais. Passarelas de tábuas estreitas conectavam as casas sobre as águas calmas e escuras do canal. O silêncio que pairava sobre o lugar era anormal e preocupante. Não havia crianças correndo pelas passarelas, nem o som de motores de rabeta chegando do rio.

No topo da rampa de terra da igrejinha de madeira da comunidade, um homem idoso de cabelos brancos e pele curtida pelo sol esperava por eles, apoiado em um cajado de madeira de piranha. Era Seu Antenor, o patriarca da comunidade.

— Graças a Deus, vocês chegaram, disse Seu Antenor, sua voz carregada de uma fadiga antiga.

— A febre já pegou metade das crianças da vila. A raizeira Benvinda está na escola comunitária tentando acalmar os corpos que queimam, mas o chá de folha de quina não está dando conta dessa vez. É uma febre ruim, que vem com calafrio e delírio.

Marina imediatamente assumiu o comando da situação, revelando a liderança de quem nascera para curar.

— Seu Antenor, reúna todas as mães na capela de Santo Antônio. Cristopher, coloque a caixa térmica na mesa de madeira sob a sombra. Precisamos fazer uma triagem rápida.

Na escola de palafitas, o cenário era de cortar o coração. Em pequenas redes de algodão estendidas entre as colunas de madeira, dezenas de crianças deitavam-se suadas, com rostos afogueados pela febre. Dona Benvinda, uma senhora de oitenta anos com mãos pequenas e cheias de veias salientes, passava um pano úmido com infusão de ervas na testa de um garotinho que gemia de dor.

— Essa febre não é da floresta, filha, disse Dona Benvinda, olhando para Marina com olhos cansados, mas sábios.

— A floresta cura o que ela cria. Mas essa febre veio de cima, da água escura. Tem um gosto de metal na boca dos curumins.

Marina abriu a caixa térmica azul e começou a organizar as ampolas de antibiótico. Ela rapidamente fez as contas de cabeça e sentiu um nó apertar em sua garganta.

— Cristopher... nós perdemos as outras duas caixas no naufrágio. O que nós temos aqui de antibiótico de amplo espectro dá para tratar apenas metade das crianças se fizermos a dosagem clínica padrão de Manaus. Se eu der a dose completa para alguns, os outros ficarão sem nada.

Um silêncio pesado caiu sobre a sala de aula de madeira. Dr. Valdir e Dr. Jurandir, que haviam entrado na sala arrastando os pés e encolhendo-se de vergonha, observavam a cena em silêncio pela primeira vez sem mencionar leis ou regulamentos.

Cristopher olhou para as crianças nas redes, depois para Dona Benvinda, que segurava uma tigela de barro com um líquido escuro e aromático.

— Dona Benvinda, disse Christopher, aproximando-se da anciã.

— O que tem nesse chá que a senhora preparou?

— Tem casca de quina-quina para baixar o calor do corpo, e folha de sucuuba para limpar o sangue, respondeu a raizeira.

— Mas a força das plantas está fraca contra essa doença. Elas só aliviam por algumas horas antes do calor voltar mais forte.

Cristopher, com a mente afiada de um cientista treinado para integrar conhecimentos, sorriu levemente. Ele viu ali a oportunidade perfeita de aplicar a fraternidade universal através da união da ciência com a sabedoria tradicional.

— Marina, nós não vamos escolher quem vive e quem morre, disse ele, a voz firme e cheia de coragem.

— Nós vamos combinar a medicina de laboratório com a medicina da floresta. O princípio ativo da quina-quina age como um excelente antipirético e anti-inflamatório natural que potencializa a absorção do antibiótico no fígado. Se Dona Benvinda administrar o chá em horários intercalados para baixar a febre e estabilizar os sintomas de calafrio, nós podemos otimizar o uso das ampolas de antibiótico, estendendo as doses com segurança clínica para que todas as crianças recebam o tratamento essencial até que possamos trazer mais insumos de Manaus.

Marina olhou para o biólogo, seus olhos brilhando com uma mistura de respeito e determinação.

— É um plano ousado, Christopher. Exige um controle rigoroso de horários e dosagens. Mas é a nossa única chance. Vamos começar agora.

Ato IV: De onde vem?

Enquanto Marina e Dona Benvinda davam início ao plano de tratamento integrado na escola de palafitas, Christopher sabia que tratar os sintomas era apenas metade da batalha. Se a fonte da doença estivesse na água da comunidade, as crianças voltariam a adoecer assim que terminassem os medicamentos. Ele precisava desvendar o mistério ecológico que seu pai sempre ensinara a procurar: a causa por trás da anomalia.

Com seu caderno de campo impermeável, que felizmente estava em seu bolso no momento do naufrágio, e alguns frascos vazios de penicilina que Marina já utilizara, Christopher caminhou até a borda da passarela onde a comunidade coletava água do igarapé.

Ele ajoelhou-se e observou a superfície da água escura do Rio Negro. Diferente do canal principal, onde a água fluía limpa com sua acidez natural que impedia a proliferação de mosquitos, a água do igarapé estava com uma turbidez leitosa incomum, e uma fina película oleosa iridescente brilhava sob os raios de sol que filtravam pelas árvores.

Carente, empoleirado em um galho de ingazeira logo acima, inclinou a cabeça e deu um grito:

— Água ruim! Peixe morto! Olhe lá, Cris!

Christopher seguiu o olhar do papagaio e viu, flutuando entre as raízes aéreas de um aninga, três pequenos peixes-faca mortos, com as guelras anormalmente brancas e dilatadas.

— Não é uma bactéria natural da floresta, murmurou ele, coletando uma amostra da água leitosa em um frasco de vidro.

— Tem sedimentos minerais em suspensão aqui. E o cheiro... tem um leve odor de óleo diesel e mercúrio.

Ele sabia que as correntes do Rio Negro não trariam aquilo do canal principal. A fonte da contaminação precisava estar subindo o igarapé, a não mais de um quilômetro de distância, em uma área que deveria ser de preservação ambiental estrita.

Ele voltou rapidamente para a escola comunitária. Dr. Valdir e Dr. Jurandir estavam sentados em silêncio em um canto, observando as mães ribeirinhas que, com lágrimas de gratidão nos olhos, viam as primeiras ampolas de antibiótico serem administradas em conjunto com o chá de quina-quina de Dona Benvinda.

— Senhores, disse Cristopher, aproximando-se dos fiscais.

— Eu descobri a causa da febre. Não é um vírus nem uma bactéria climática. É contaminação por rejeitos de extração mineral ilegal ou biopirataria rio acima. Alguém montou uma balsa de dragagem clandestina e está derramando óleo e mercúrio no igarapé que abastece a vila. Eu vou subir a trilha do igapó para localizar a balsa.

Valdir ergueu-se, recuperando um pouco de sua postura oficial, embora estivesse sem sapatos e com as calças cinzas rasgadas nos joelhos.

— Lavra clandestina sem estudo de impacto prévio e sem licença de operação? É flagrante lesão ao erário e crime contra a ordem ambiental! Jurandir, o poder de polícia administrativa nos convoca ao front!

— Exatamente, colega Valdir, disse Jurandir, levantando-se com dificuldade.

— Embora meu corpo físico exija repouso absoluto em uma rede sob a sombra, o dever funcional nos chama a lavar o auto de embargo de lavra clandestina!

Cristopher olhou para os dois, surpreso pela coragem repentina que nascia do orgulho burocrático deles.

— Tudo bem, senhores. Mas silêncio absoluto. Eles podem estar armados, e nós temos apenas as nossas mentes e este caderno de campo.

Os três homens, acompanhados por Carente que voava silenciosamente sob a copa da floresta, subiram a trilha estreita que costeava o igarapé. À medida que avançavam, o ruído rítmico e abafado de um motor diesel de grande porte começou a ecoar por entre os troncos gigantes de sumaúmas.

Ao contornarem uma curva do igapó densamente coberta por palmeiras de jará, eles viram a balsa. Era uma estrutura improvisada de ferro e madeira, com uma enorme mangueira

de sucção que revirava o leito do rio, cuspiendo uma lama cinza e leitosa diretamente na correnteza que descia para a comunidade. Três homens de aparência hostil, vestindo roupas sujas de óleo, operavam os painéis e as mangueiras sem qualquer preocupação com o meio ambiente.

— Um atentado manifesto contra o patrimônio público da União! sussurrou Valdir, indignado.

— Jurandir, cadê o talão de notificações cautelares?

— Com a devida vênia, nobre colega Valdir, a pasta afundou no rio! Sem a guia timbrada, os talões e o carimbo o embargo de plano incorre em vício de nulidade insanável!

Cristopher observou a balsa com a mente afiada de um estrategista que sabia que a inteligência era a melhor poção mágica diante da força bruta. Ele percebeu que as mangueiras de pressão da balsa estavam conectadas a um compressor de ar principal por abraçadeiras de metal frouxas. Se a pressão do compressor subisse rápido demais, as mangueiras explodiriam, interrompendo a sucção e forçando os operadores a desligar o motor de emergência.

Ele olhou para Carente em seu ombro.

— Carente, sussurrou Christopher, apontando para uma árvore que estendia seus galhos diretamente sobre o painel de controle da balsa, onde ficava a válvula de alívio de pressão.

— Está vendo aquela manivela vermelha no topo da balsa?

— Manivela! Vermelha! Giro! Giro! respondeu o papagaio em voz baixa.

— Voe até lá sem fazer barulho. Pouse na manivela e use seu bico para girar a trava no sentido horário. Pode fazer isso pelo Cris?

— Cris! Cris! Pássaro livre! exclamou a ave, levantando voo silenciosamente por entre as folhagens.

Enquanto Carente executava a missão aérea, Christopher virou-se para os dois fiscais trapalhões.

— Senhores, quando o motor começar a falhar, eu preciso que os senhores façam o maior barulho que puderem na mata. Gritem ordens oficiais como se fôssemos um batalhão inteiro da Polícia Federal e da Vigilância Ambiental cercado o local por terra.

Valdir ajeitou os óculos imaginários e sorriu com determinação.

— Uma intervenção ostensiva simulada com respaldo fático de urgência! Deixe conosco, meu jovem, simulação de força institucional é a especialidade do nosso setor! Eu sou especialista nisso, colega Cristopher!

No topo da balsa, Carente pousou suavemente sobre a manivela vermelha da válvula de alívio de pressão. Com seu bico forte e curvo, projetado pela natureza para quebrar castanhas duras, o papagaio começou a morder e girar a trava de metal. Após três puxões vigorosos da ave, a válvula travou totalmente na posição fechada.

Em segundos, o compressor da balsa começou a emitir um chiado agudo de alta pressão. Os ponteiros dos manômetros saltaram para a zona vermelha.

BUM!

Uma das mangueiras de sucção rompeu-se com um estouro violento, lançando um jato de água e lama cinza diretamente sobre o rosto do operador principal da balsa.

— O que foi isso? O compressor vai explodir! Desliga! Desliga o motor! gritou o operador, limpando a lama dos olhos em pânico.

Nesse exato momento, Dr. Valdir e Dr. Jurandir surgiram de trás das folhagens de jará, batendo as mãos contra troncos ocos de árvores e gritando com vozes de comando que ecoaram de forma ensurdecadora pela mata fechada:

— Parados todos! Força-tarefa integrada de fiscalização coercitiva e intervenção federal! A área encontra-se sob embargo e cerco judicial de três comarcas! Jurandir, determine o avanço da infantaria operacional pelos flancos!

— Exatamente! berrou Jurandir, batendo um pedaço de galho seco contra um tronco oco com o barulho de um tiro de espingarda.

— Avancem, pelotão! Não deixem ninguém escapar sem assinar a guia de contra-fê do auto infracional!

Os operadores da balsa, em pânico total com o estouro da mangueira e acreditando que estavam sendo cercados por uma grande força policial federal armada através da floresta densa, abandonaram suas ferramentas. Sem olhar para trás, saltaram da balsa e nadaram desesperadamente em direção à margem oposta do igarapé, sumindo em fuga pela vegetação fechada.

Cristopher correu para a balsa, saltou sobre o convés de ferro e desligou o interruptor principal do motor diesel, silenciando o monstro mecânico que vinha envenenando as águas do Rio Negro.

Valdir e Jurandir subiram a bordo logo em seguida, ofegantes, mas com expressões de orgulho absoluto pintadas em seus rostos suados e sujos de lama.

— Uma operação tática perfeita! exclamou Valdir, apossando-se de uma lata de óleo vazia para simular um carimbo de apreensão.

— A balsa está tecnicamente e formalmente confiscada em nome do Estado!

— Digo mais, colega Valdir, completou Jurandir, dando um tapinha carinhoso nas costas de Christopher.

— A mente afiada e a estratégia científica venceram a força bruta sem disparar uma única bala. Seu pai biólogo teria muito orgulho de sua posteridade científica hoje, rapaz!

Cristopher olhou para Carente, que pousou novamente em seu ombro, batendo as asas e gritando alegremente:

— Multado! Multado! Tudo preso!

Ato V: O Banquete Ribanceiro e a Alvorada do Amanhã

O entardecer sobre o Rio Negro era uma pintura viva de tons roxos, laranjas e vermelhos que pareciam queimar sobre o espelho d'água escura, uma beleza que rivalizava com as mais belas telas que retratavam a alma de Jundiá e do Brasil.

Na comunidade do Igarapé do Boto, a atmosfera de silêncio e medo havia sido completamente substituída pelo som de risadas e cantos. Graças ao plano integrado de Christopher e Marina, combinando a precisão cirúrgica dos antibióticos de laboratório com o poder curativo do chá de quina-quina de Dona Benvinda, as febres haviam quebrado. As crianças, agora com peles frescas e olhares alertas, já caminhavam pelas passarelas de madeira de palafitas.

Para celebrar a cura e agradecer aos salvadores da floresta, a comunidade preparara um autêntico banquete ribanceiro sob o caramanchão comunitário de palha de caraná.

O cheiro de tambaqui gordo assado na brasa sobre folhas de bananeira perfumava o ar úmido da noite. Grandes tigelas de madeira de sumaúma estavam cheias de farinha de Uarini, a deliciosa farinha d'água amarela em formato de pequenas ovas, acompanhadas de açaí fresco e denso, batido na hora, sem açúcar, do jeito tradicional da floresta.

Dr. Valdir e Dr. Jurandir, agora trajando camisas de algodão limpas e calças de pescador emprestadas por Seu Antenor, estavam sentados no lugar de honra da mesa comunitária. Eles já não pareciam os fiscais arrogantes do porto de Manaus; comiam o peixe com as mãos e saboreavam o açaí roxo com sorrisos largos e dentes manchados pela fruta.

— Colega Jurandir, disse Valdir, apontando um pedaço de tambaqui com os dedos lambuzados.

— Este peixe representa a verdadeira fortuna gastronômica da nação! Exijo que anote em nossa ata imaginária: 'Sabor excepcional em conformidade total com o paladar funcional e declare em relatório que este pescado assado atende aos princípios da economicidade, da moralidade e da eficiência pública!'

— Exatamente, colega Valdir, respondeu Jurandir, soltando uma gargalhada contagiante que fez Seu Antenor rir junto.

— E digo mais: a farinha de uarini possui textura de utilidade pública indiscutível! Viva a nossa aldeia de heróis!

Marina observava os dois fiscais com um sorriso carinhoso de canto de boca.

— Quem diria que dois burocratas de terno virariam dois caboclos comedores de açaí em apenas um dia? comentou ela, servindo uma cuia de açaí para Christopher, que estava sentado na ponta do convés de madeira, com as pernas balançando sobre a água escura onde a lua cheia começava a se refletir.

— A floresta tem um jeito muito especial de desarmar as certezas das pessoas, Marina, respondeu Christopher, aceitando a cuia e sentindo a paz e a estabilidade da noite envolverem seu corpo cansado.

— Meu pai sempre dizia que quando compartilhamos bons momentos e conhecimentos com as pessoas que precisam, nós não estamos apenas fazendo o bem; nós estamos construindo pontes invisíveis entre mundos diferentes. Veja aqueles dois. Eles vieram para apreender um barco e acabaram ajudando a salvar uma comunidade. Isso é posteridade.

Carente, empoleirado na trave de madeira do caramanchão, desceu em um voo rasante e pousou bem no meio da cuia de Christopher, tentando enfiar o bico no açaí denso.

— Carente! Não! riu Christopher, puxando a cuia de volta.

— Açaí pra papagaio é outra coisa!

— Carente! Carente! Quer bolo! Quer bolo! — gritou a ave, imitando a voz de Marina, fazendo com que todos ao redor da fogueira caíssem na gargalhada.

Seu Antenor aproximou-se da dupla de jovens, trazendo nos olhos a sabedoria de quem vivera toda a vida à beira do Rio Negro.

— Vocês trouxeram mais do que remédios hoje, Christopher e Marina, disse o velho patriarca, colocando suas mãos calejadas sobre os ombros dos dois.

— Vocês trouxeram o respeito e a união. A balsa ilegal está desativada, a água do igarapé vai voltar a correr limpa amanhã e os nossos curumins estão salvos. O nome de vocês será lembrado em cada história que contarmos ao redor deste fogo pelas próximas gerações.

A noite avançou com histórias de assombrações, lendas do boto-cor-de-rosa e poesias sobre os belos estados do Brasil que os moradores declamavam sob o céu estrelado.

Quando a alvorada de um novo dia começou a filtrar seus primeiros raios dourados e rosados por entre a névoa úmida que subia do Rio Negro, uma grande voadeira da ONG parceira de Manaus atracou no porto da comunidade. Ela trazia novos mantimentos, novos microscópios e uma nova equipe médica de apoio enviada pelo rádio.

Cristopher e Marina despediram-se dos moradores e dos dois fiscais trapalhões, que decidiram ficar mais um dia para "concluir o relatório minucioso de fiscalização gastronômica e ecológica" da comunidade.

Ao subirem a bordo da nova embarcação para apontar a proa em direção a um novo afluente do grande rio, Christopher olhou para trás. Viu Dr. Valdir e Dr. Jurandir acenando da margem com suas novas sandálias de casca de árvore, rindo ao lado de Seu Antenor e Dona Benvinda.

Marina puxou a corda do motor de popa. O motor cantou alto, e a voadeira desatracou suavemente, singrando as águas escuras e brilhantes.

Carente abriu as asas verdes sob o sol nascente e gritou:

— Pop-pop! Partiu aventura! Cris! Marina!

A jornada de Christopher na Amazônia continuava rio abaixo, levando a ciência, a coragem e a imensa fortuna dos bons momentos para o próximo afluente da grande floresta tropical.

FIM